

Algumas considerações sobre racismo, sexismo e a tecno-eugenia

Jurema Werneck¹

I- Dois cenários:

A vida humana tem sido ultimamente uma seqüência de novidades, inovações e progressos no campo da biotecnologia. Tanto que já podemos apontar um presente ou um futuro próximo onde os processos de envelhecimento poderão ser interrompidos; quando poderemos definir em detalhes o tipo de bebês vamos ter, seu sexo, grau de inteligência, habilidades especiais, cor e etc; podendo inclusive adiar indefinidamente a data da gravidez sem preocupação com o advento da menopausa e do climatério; ou mais ainda, podemos ter um bebê biologicamente nosso sem sequer ter experimentado a gravidez.

Este presente/futuro traz também a cura para doenças graves como tipos invasivos de câncer ou o mal de Alzheimer; possibilitando a reconstituição medular de tetraplégicos, a regeneração de órgãos destruídos por doenças: novos corações, rins, fígados e mais, muito mais.

Trata-se de um presente/futuro que torna possível a perpetuação biológica de indivíduos e grupos, a partir da reprodução fiel e infinita de sua carga biológica através da clonagem. Neste presente/futuro a morte será uma escolha e não mais um indesejável, inevitável e doloroso acontecimento. Um presente? Um futuro bem próximo? Há qualquer momento. Talvez agora....

Este processo não começou em 1953, com a descoberta do DNA. Como esta descoberta a crença na evolução das espécies ascendeu a um novo patamar: as bases bioquímicas da vida imersas no núcleo da célula humana. O descortinar de milhões de possibilidades. A ciência vencendo....

E se mudássemos o ângulo de visão?

A vida humana tem sido uma seqüência interminável de lutas por sobrevivência, onde a natureza é um desafio intransponível demais para ser vencido. Tanto que já podemos apontar

¹ Coordenadora de Criola, organização de mulheres negras sediada no Rio de Janeiro, Brasil. Doutoranda em Comunicação e cultura pela ECO/UFRJ. Médica. Publicado no México em “Um Mundo Patentado? La privatización de la vida y del conocimiento”, organizado por HBS, México, 2005

um presente ou um futuro próximo onde o aniquilamento cotidiano de indivíduos e grupos pó indicar que estamos no limiar da extinção da espécie. Nada consegue interromper o ciclo de destruições, onde os processos de nascimento, crescimento, envelhecimento e morte se encurtam. Não temos como evitar a morte de nossos bebês, a menos que a solução seja evitar seu nascimento. A gravidez é um risco, uma ameaça de morte e seus frutos são vistos como conseqüências indesejáveis de uma imprudência, de uma ignorância, de um instinto animal. Este presente/futuro traz também a progressão e o espalhamento de doenças que se tornam graves e mortais, mas que em outras circunstâncias teriam sido evitáveis: sarampo, tuberculose, hiv/aids, desnutrição e outras. Aos que sobrevivem, as condições de vida inadequadas tornam vulneráveis órgãos vitais: corações, rins, fígados e mais, muito mais, serão destruídos, tornando impossível a continuidade dos processos vitais.

Trata-se de um presente/futuro que desafia a perpetuação biológica de indivíduos e grupos, a partir da progressão no limite das condições de inadequação em que habitam. Neste presente/futuro a morte é precoce e rotineira, muito mais do que um indesejável, surpreendente e doloroso acontecimento. Um presente? Um futuro bem próximo? Há qualquer momento. Talvez agora....

Isto também não começou agora. Mas no momento, populações interias estão expostas a condições de destituição material e simbólica que inviabilizam o acesso e a realização dos procedimentos científicos de manutenção da vida, independente de seu grau de complexidade. A crença na evolução das espécies torna também compreensíveis noções de inadequação e desaparecimento de alguns grupos e povos. Presos em suas próprias contingências, não há gesto possível que modifique o que um dia foi definido como destino. A trajetória da evolução da espécie humana tem seus custos. No descortinar de milhões de possibilidades, há que se selecionar as melhores opções.. É, novamente, ciência vencendo....

II- A neutralidade impossível:

Vivemos um tempo onde as ciências ainda reivindicam uma neutralidade impossível frente às vicissitudes sociais, políticas, econômicas, entre outras. Correntes científicas, principalmente aquelas relacionadas à biologia e a genética recorrem à modelos explicativos onde a racionalidade e a aplicabilidade de suas regras aos movimentos da vida humana obedeceriam somente aos imperativos das proteínas que nos constituem. Ou aos interesses de realização

democrática e solidária do bom, do belo, do justo. Salvar vidas. Trazer alívio às dores e a cura dos males que nossa ameaçam.

Nos dias de hoje, no entanto, tal inocência (se é que podemos defini-la desta forma) já pode ser recusada ou desmascarada. Podemos afirmar que qualquer neutralidade é impossível frente a uma constatação básica: a ciência é produto humano. Como, então, esperar deste ser que somos, a neutralidade?

Assim, também é possível afirmar que a ciência está submetida a fatores ideológicos, econômicos, sociais, ambientais, políticos e tecnológicos. Não flutua no vácuo. Vive das relações – entre pessoas (é importante reiterar que cientistas são pessoas!), grupos, povos, nações. É dependente financeiramente de governos ou grandes corporações. É seduzida pela cultura mediática. É demasiadamente humana.

Não é por outra razão que diante da constatação da neutralidade impossível, a humanidade tem elaborado uma série de leis, tratados, declarações e regulamentações não apenas para o exercício da ciência, mas para os demais aspectos da existência humana.

Nada disso, no entanto, tem sido capaz de frear ou conferir cautela aos avanços científicos - e aqui a palavra avanço deve ser entendida em seus vários sentidos vistos na língua portuguesa, entre eles está o de progresso, de evolução para diante, bem como o de investida, atropelamento, desrespeito à regra - na direção dos processos fundamentais da existência. Principalmente aqueles que vão na direção do núcleo da célula e suas possibilidades de manipulação e produção de alterações na constituição do humano.

III- Biotecnologia “vermelha”:

Tem tido razoável circulação nos diferentes meios a forma de definir as biotecnologias aplicadas ao ser humano como vermelhas, em comparação com aquelas ditas verdes, porque relacionadas aos vegetais e suas sementes.

No estado atual da arte, a biotecnologia vermelha significa cada vez mais a capacidade de penetrar e manipular a carga genética dos seres humanos no intuito de possibilitar manipulações de suas capacidades procriativas e das características biológicas. Assim, tornando-se capaz de produzir novos seres capazes de corresponder aos desejos e necessidades de diferentes atores e atrizes demandantes das pesquisas. Entre estes desejos e necessidades que a movimentam é preciso apontar:

- a importância das regras mercadológicas, onde demandas são estimuladas a partir da criação de novos produtos vendáveis e de alto grau de lucratividade. E as técnicas da biotecnologia estão também inseridas nos mercados mundiais;
- a busca de mão-de-obra capaz de submissão profunda às regras da economia capitalista neoliberal. Ou seja, capaz de suportar graus extremos de exploração, ao mesmo tempo que destituídos de capacidade e poder de reivindicação. Ou seja, o desejo por novos trabalhadores biologicamente destituídos de humanidade – e de direitos humanos, por consequência;
- aqueles aspectos do individualismo ocidental, vinculado às regras do patriarca, que torna necessária a sua capacidade de controlar e afiançar a descendência, ou seja, a necessidade de perpetuação de determinados grupos biológicos a partir dos critérios de seus homens;
- e a vigência de sistemas de hierarquização dos humanos, conferindo validade social e política ao conceito de raça e que estabelece a raça branca como paradigma superior da espécie, ao mesmo tempo que reduz negros, indígenas e outros grupos ao extremo oposto e inferior.
- a busca de domínio de povos e nações sobre outros povos e nações, de modo a garantir o máximo privilégio e acesso às riquezas planetárias para alguns poucos;

Sem buscar me estender, assinalo apenas que atualmente a biotecnologia vermelha tem em seu repertório a manipulação genética de células e embriões, de modo a afetar não apenas as características do humano nascido, como também de alterar sua descendência. Deste ponto de vista devemos observar e analisar as novas investidas de cientistas nos centros biotecnológicos dos países do norte, ou do primeiro mundo, ou dos Estados Unidos e da Europa principalmente....A que se propõem? A produzir – e este é o verbo mais correto – novos seres a partir de células humanas, sobre quem vão depositar a crença e as expectativas de controle sobre seu futuro a partir de seu passado já conhecido. O poder de predição e determinação do futuro humano seria então um atributo da biologia e da genética.

Para além do retrocesso desta supervalorização da biologia sobre os demais fatores que participam de modo ainda misterioso do que são o humano e suas relações, devemos assinalar que tais técnicas reduzem o não nascido a algo pré-determinado, controlado, conhecido, desprovido da liberdade. Algo assim, faz deste ser um não-humano, coisa, objeto, produto da manipulação tecnológica.

As imagens propagadas e as promessas que as novas biotecnologias fazem devem ser analisadas ao mesmo tempo que outras imagens e outras promessas que reproduzem cenários opostos. Ou seja, creio ser interessante confrontar as imagens e as metáforas que envolvem as possibilidades de produção e melhoramento do tipo humano branco via biotecnologias, representadas pela propaganda maciça das biotecnologias à disposição nos países do norte da América e Europa ocidental, ao lado das imagens das metáforas de obsolência, incapacidade de modernidade e desaparecimento associadas aos povos negros e indígenas de diferentes partes do mundo, como as também intensas imagens propagadas pela mídia do continente africano ou sul-americano. São imagens simultâneas, possíveis de serem vistas neste momento. Falamos de uma proposta de futuro: o nascimento de crianças brancas por todo e qualquer meio possível. E do desaparecimento das crianças negras e índias.

Estas metáforas e promessas guardam forte relação com pressupostos eugenistas em vigor desde o século XIX e disseminado a partir de iniciativas européias e estado-unidenses, de maneiras longe de significar democráticas ou libertárias, para o resto do mundo.

IV- A eugenia:

A eugenia foi criada como ciência que busca o melhoramento da espécie humana a partir da iniciativa de Francis Galton em 1883. A elaboração da eugenia visava aplicar em humanos os pressupostos de evolução das espécies de Darwin, reconhecendo na ciência e sua racionalidade o poder de determinação do futuro humano. Pouco tempo depois de Galton, a genética vai se estabelecer como ramo da biologia capaz de reconhecer e lidar com características humanas hereditárias².

O encontro da eugenia e da genética com a política vai possibilitar a criação de um movimento social, inicialmente nos Estados Unidos, capaz de produzir políticas públicas de melhoramento racial. Estas políticas visavam não apenas possibilitar a reprodução daqueles indivíduos e grupos vistos como geneticamente aptos e melhores. Bem como de impedir a reprodução daqueles considerados inferiores, inadequados, indesejáveis.

Este movimento teve suas primeiras iniciativas implementadas em fins do século XIX, sendo capaz de aprovar a primeira lei de esterilização de inferiores e indesejáveis no ano de 1907, no estado norte-americano da Pensilvânia. Exemplo que será seguido por outros estados e

² Foi em 1865 que Mendel descobriu seus pressupostos através de experiências com ervilhas, mas estes só vieram a público em 1900.

países até a culminância na Alemanha, onde a eugenia estava na bases de seu movimento de nacional-socialismo, produtor do Holocausto.

A derrota da Alemanha na guerra da Europa significou também a submersão do movimento eugenista, em consequência da condenação moral que a eugenia recebeu após a publicização da amplitude do dano produzido.

Esta submersão vai ter um fim a partir da década de 70 do século XX, quando novos ingredientes serão associados às idéias eugenistas: a revitalização das idéias do reverendo Malthus (1798) a respeito da ameaça de explosão populacional a partir do crescimento desordenado de determinadas populações; e a forte disputa estabelecida entre os regimes capitalistas e comunistas do hemisfério norte do ocidente. Neste momento, as taxas de fertilidade de populações em determinadas partes do mundo e determinados grupos, em especial a fertilidade feminina, vão se analisadas como ameaçadoras da estabilidade mundial, tanto do ponto de vista da “explosão demográfica”, quanto em relação à possibilidade de adesão dos países e povos submetidos à pobreza às idéias comunistas e socialistas capazes de confrontar as regras capitalistas produtoras e/ou potencializadoras das desigualdades.

É neste período que a tecnologia biomédica vai colocar à disposição métodos artificiais de controle da fecundidade, todos voltados para o controle da fertilidade feminina. A pílula anticoncepcional é vista por mulheres e homens brancos do norte como ponta de lança de sua chamada “revolução sexual”, ao mesmo tempo que significará também um instrumento interessante para controle da natalidade entre aquelas e aqueles vistos como indesejáveis.

É a partir dos anos 70 que novas políticas públicas serão elaboradas e implementadas visando o controle e a diminuição das taxas de fecundidade de populações dos países chamados do Terceiro Mundo. Um exemplo destas iniciativas pode ser encontrado no Memorando de Segurança Nacional nº 200, preparado em 1974 pelo então chefe do Conselho de Segurança Nacional dos estados Unidos, Henry Kissinger, e distribuído para diferentes órgãos governamentais do país, entre eles a CIA dirigida por George Bush, futuro presidente. Este documento, que integra um conjunto de iniciativas empreendidas por aquele país para controle político do mundo, apontava 13 países que deveriam ser submetidos a intensas ações e políticas de controle populacional. Eram eles: Brasil, Índia, Bangladesh, Paquistão, Nigéria, México, Indonésia, Filipinas, Tailândia, Egito, Turquia, Etiópia e Colômbia. A partir dela, foram empreendidas ações tanto através de organismos governamentais como USAID e a própria CIA; organismos multilaterais como OMS, UNFPA, Banco Mundial, UNICEF; quanto por organizações da sociedade civil como a International Planned Parenthood

Federation/IPPF, a Fundação Ford, a Fundação Rockefeller, entre outros. Diferentes mecanismos foram utilizados para a redução da fecundidade destes países. Principalmente, foram utilizadas técnicas de esterilização cirúrgica ou hormonal, na maior parte das vezes a partir da invasão dos corpos das mulheres.

Algum tempo depois, documentos de segurança nacional dos Estados Unidos vão discutir as possibilidades de ser ter a emergente epidemia de hiv/aids em países pobres como um aliado em sua política de controle populacional...

É preciso destacar: os países e grupos populacionais assinalados como ameaça são todos formados majoritariamente por populações não brancas.

V- A interseccionalidade:

Neste momento é de grande utilidade a compreensão do conceito de interseccionalidade para a análise da progressão do acesso e uso às diferentes tecnologias biológicas, em especial as tecnologias de controle da fecundidade e das novidades da manipulação genética.

Através da perspectiva da interseccionalidade é possível analisar e compreender como os diferentes elementos presentes em um determinado contexto, em uma determinada época podem atuar na produção de fatos, escolhas político-ideológicas, iniciativas de políticas públicas e mesmo desenvolvimento e aplicação de novidades biotecnológicas.

Como um caminho interessante que se pode empreender está o desnudamento das “coincidências” que envolvem o tema aqui abordado. Ou seja, de fatores atuantes e recorrentes no universo das “escolhas” da biotecnologia e das tecnológicas de procriação.

Vejamos:

- A maior parte das iniciativas voltadas para o controle populacional através do controle da capacidade procriativa dos seres humanos, seja de estímulo ou repressão, aconteceram e acontecem sobre os corpos das mulheres;
- A maior parte destas iniciativas estão ou estiveram lideradas e submetidas ao controle dos homens;
- A maior parte destas iniciativas, quando empreendidas em relação a indivíduos e grupos populacionais nas últimas décadas estão sob o controle de grupos, e os homens destes grupos, considerados racial ou etnicamente superiores;

- A maior parte destes indivíduos e grupos considerados racial ou etnicamente superiores eram brancos, ocidentais, defensores dos paradigmas da racionalidade científica ou de imperativos cristãos, do hemisfério norte;
- A maior parte destes grupos e homens brancos, ocidentais, do hemisfério norte, detinham o controle do poder econômico, político e bélico sobre a maioria dos demais povos da terra;
- A maior parte dos centros de pesquisas e de produção destes artefatos tecnológicos está localizada nos países brancos do norte, pertencentes a homens brancos do norte e a quem beneficiam como sua imensa capacidade lucrativa;

Na outra face, podemos desnudar indivíduos e grupos mais vulneráveis às iniciativas de controle populacional de fecundidade e de corpos:

- Já dissemos aqui que a maior parte das ações de controle da fertilidade de indivíduos e grupos aconteceu e acontece sobre o corpo das mulheres;
- A maior parte das mulheres submetidas à esterilização cirúrgica ou hormonal pertencem a grupos considerados inferiores racial ou etnicamente;
- A maior parte destas mulheres habita países e regiões submetidas a graus extremos da exploração econômica, arcando com a porção maior da pobreza e suas conseqüências;

Sexismo, racismo, exploração econômica e dominação política estão nas bases da “coincidência” do controle da natalidade através da esterilização de mulheres negras e índias nas Américas e em outras partes do mundo. Em outras palavras, ser mulher, não ser branca, habitar países do sul, ser pobre, etc, são fatores que, num contexto marcado por ideologias produtoras de iniquidade como racismo, sexismo e outras, produzem as vulnerabilidades a que milhões de pessoas estão expostas.

A ocorrência destes fatores e suas intensidades sobre pessoas e grupos populacionais vai impactar de forma simultânea, sincrônica, não sendo possível separá-los ao longo da experiência concreta de cada indivíduo ou povo. É a isto que chamamos de interseccionalidade.

E é também a partir desta interseccionalidade de fatores que podemos entender a “coincidência” das novas tecnologias de procriação e daquelas que prometem o “melhoramento” biológico de indivíduos e grupos - seja através da transformação da carga genética atual, representando a cura de doenças, desenvolvimento de novas capacidades ou a

possibilidade de se evitar o envelhecimento e morte ou de perpetuação de cargas genéticas através de clones - estejam à disposição de ricos, de brancos, da garantia da perpetuação do patrimônio genético e da descendência de homens, no hemisfério norte-principalmente, sob o império da racionalidade científica etc etc etc.

VI- A biotecnologia não é neutra:

Não é possível acreditarmos em coincidências quando se trata do tamanho do dano produzido de forma constante, sobre pessoas, grupos, em especial mulheres negras e outras não-brancas nas diferentes partes do mundo.

Não se pode também acreditar em coincidências ou “merecimento” a extensão da concentração de poderes nas mãos de homens brancos, que agora celebram as biotecnologias e suas possibilidades.

Nós mulheres negras já há muito vimos denunciando os interesses deletérios por traz do desenvolvimento científico neste campo, bem como sua associação como pressupostos de lucro ilimitado e com o movimento eugenista. No entanto, somos inundadas por novas propostas e desafios que ainda estão longe de serem cancelados.

Desafiadas pela produção de múltiplas vulnerabilidades, somos levados a inverter nossas pautas políticas, para dar respostas aos projetos ambiciosos de cientistas, corporações e consumidores (e inclusive alguns setores do movimento feminista), dos países brancos do norte. Isto, ao mesmo tempo em estamos imersas em nossas próprias demandas por justiça e pelo fim do racismo e da desigualdade de gênero, pelo acesso aos bens sociais, à água potável a um ambiente saudável, de combate à fome, à pobreza, o controle da epidemia de hiv/aids,...entre outras.

Mas nosso engajamento nesta luta se soma a todas outras que empreendemos. Entre estas, destaco a luta para barrar a eugenia; pela reintegração da ética ao cotidiano das ações humanas; por inverter a tendência de supervalorização de características biológicas para, a partir destas, produzir hierarquias cruéis nas sociedades. Para impedir que portadores de determinadas características sejam rechaçados porque carregam em si marcas indesejáveis. Lutamos contra a segregação, a morte precoce, o preconceito, o abandono à própria sorte, a coisificação, a desesperança decorrente a quebra de solidariedade, daqueles que venham a ser considerados biológica ou geneticamente inferiores.

Em suma, lutamos para que outros seres humanos não sejam tratados como nós negras e negros vimos sendo tratados nos últimos 500 anos.